

**ENVOLVIMENTO PATERNO: QUANDO O PAI É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL
PELO CUIDADO INTEGRAL DA CRIANÇA**

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.

Bianca Rosal Furtado

Profa. Dra. Simone Dill Azeredo Bolze

2017

Apresentação

Cuidar talvez seja uma das coisas mais essenciais da vida, daquelas que aprendi desde cedo, no amor recebido e na relação com os irmãos mais novos. Talvez por gostar de cuidar e, por depois ter aprendido a deixar ser cuidada, o tema me interessa tanto.

O título por si só já é um paradoxo histórico e social. Possivelmente minhas avós, se fossem vivas, perguntariam: homem que cuida? Do que e de quem? Imagino o tamanho estranhamento que causaria atrelar cuidado a figura masculina.

Mas não precisamos ir tão longe. O tema dessa monografia brotou quando na festa de aniversário de 02 anos do meu filho, Chico, eu e minha mãe observávamos as crianças brincando e correndo euforicamente no parque. Aquele clima bom, gritinhos de alegria, barulho e cheiro de infância. E minha mãe comentou:

- Como as coisas mudaram. Olha quantos pais estão olhando e cuidando dos filhos, não existe mais uma prevalência das mães. Quando vocês eram crianças não era assim, a gente que cuidava sozinha enquanto os maridos conversavam.

E era verdade, eu lembro bem. Mas aquela cena era linda de ver. Parecia uma fotografia. Lembro de ter ficado feliz por ter a sorte de compartilhar a vida do meu filho com famílias tão queridas e que participam tanto da vida de seus filhos, pais que não abrem mão de estarem juntos. E respondi para a minha mãe:

- E sabe o que é mais legal, mãe? Que não estão aqui por que a esposa obrigou não, mas por escolha. Porque gostam e sentem alegria nisso. Dá para perceber, né?

A intimidade e cumplicidade no olhar entre aqueles pais e seus filhos eram gritantes e enchia de ternura o cenário. Era possível perceber ali gratidão, orgulho, admiração e muito prazer.

Pensei no quanto meu pai, meu avô e a maioria dos homens das gerações anteriores perderam não podendo viver essa relação em plenitude, em espontaneidade. Que pena, tenho certeza que teria sido uma experiência incrível!

Por outro, penso que alguns estão tendo a oportunidade de cuidar dos netos e recuperar parte dessas experiências e assim rever suas crenças e valores sobre sua capacidade de cuidar de crianças. Meu pai, como ele mesmo diz, nunca trocou uma fralda de um filho, pôde experimentar dar banho e alimentar seu neto. Mesmo com os olhares incrédulos e desconfiados de todas as mulheres, se encorajou e assumiu que conseguiria sozinho, sem a ajuda “tão essencial” das ditas “autoridades do cuidado”.

Embora a minha vida esteja sendo riquíssima de boas histórias, certamente, a principal inspiração eu tenho em casa. Ao meu lado todos os dias, Daniel, o pai do meu filho. Para mim, tem sido um esforço enorme (sim, tem que ser grande, porque quando o filho nasce, há uma tendência materna de achar que ninguém mais vai saber cuidar além da gente) para, desde o primeiro minuto de vida do Chico, permitir meu marido estar junto em todos os momentos. E o Daniel tem sido presente, participativo, inteiro e profundo. Ele se emociona igual a mim, chora mais do que eu nas conquistas e se orgulhou, ao final do primeiro mês de vida do nosso filho, quando pôde dizer que a única coisa que não fazia era amamentar. E não se envergonhou ao assumir que tinha inveja de mim por isso. E eu tinha inveja dele porque morria de medo de trocar fraldas e até hoje nunca cortei as unhas do nosso pequeno.

Ele diz que tudo isso só foi possível porque eu permiti e eu digo que foi porque ele quis e não pestanejou. A gente teve muito medo, sempre. Mas também conversou e decidiu que o Francisco tinha que saber desde o primeiro cruzar de olhos que poderia contar com os dois para o resto da vida.

E assim mesmo, depois de toda essa poesia, eu ainda hesitei quando precisei voltar a trabalhar e fiquei na dúvida se de fato o pai daria conta de cuidar sozinho do filho por meio

período para que ele não precisasse passar o dia todo na creche. E assim, ele trocou o horário de trabalho para poder cuidar do nosso bebê. E mesmo com todas as minhas inseguranças, foi perfeito do jeito que tinha que ser. Ali, naquelas horas em que ficavam só os dois, eles se descobriram ainda mais como pai e filho, no meio dos sorrisos, choros, dúvidas e correrias. Depois disso, já mudamos muitas vezes nossa rotina e o Daniel até hoje tem muita saudade dessa correria cansativa, mas prazerosa.

E é por me emocionar diariamente com essas histórias e lembranças que resolvi estudar um pouco mais sobre o assunto. E a monografia surgiu como uma possibilidade de dar voz a algumas inquietações e, talvez, fazer brotar ainda outras.

Neste trabalho, farei um estudo de caso, entrevistando um outro pai cuidador, o qual, assim como meu marido, abriu mão, temporariamente, do seu trabalho para cuidar do filho em tempo integral, ao término do período de licença maternidade da esposa. Aqui explorarei as combinações e acordos feitos pelo casal na tomada de decisão para construir esse tipo de configuração familiar, as atividades exercidas pelo pai, bem como a reação da rede significativa social e familiar sobre a atividade de cuidado paterno em tempo integral sob o ponto de vista do pai. Desse modo, o objetivo do presente estudo é caracterizar o envolvimento paterno quando o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança através da seguinte pergunta de pesquisa:

Como se caracteriza o envolvimento paterno quando o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança?

Objetivos

Objetivo Geral: Caracterizar o envolvimento paterno quando o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança

Objetivos Específicos:

- 1) Caracterizar a negociação e o processo de decisão do casal para construir uma dinâmica relaciona na qual o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança.
- 2) Identificar as atividades que o pai realiza no cuidado integral da criança.
- 3) Identificar a percepção paterna sobre reação do ponto de vista da rede familiar e social significativa sobre a atividade de cuidado integral à criança.

ENVOLVIMENTO PATERNO: QUANDO O PAI É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO CUIDADO INTEGRAL DA CRIANÇA

Resumo: As mudanças observadas nas famílias, incluindo arranjos e distribuição de papéis, têm impactado diretamente no envolvimento paterno. O objetivo desse estudo foi caracterizar o envolvimento paterno quando o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança. Trata-se de um estudo qualitativo de caso único no qual foi entrevistado um pai que assumiu os cuidados em tempo integral do filho. Os resultados por meio da entrevista e mapa de redes foram organizados a partir de categorias, quais sejam: (de) envolvimento paterno na gravidez, parto e puerpério; processo decisório para assunção paterna dos cuidados integrais da criança; envolvimento paterno durante o período de cuidado integral à criança; referências de cuidado e figuras de apego inspiradoras; percepção paterna sobre si mesmo e da reação da rede social e familiar significativa; e desafios da paternidade. Os resultados indicaram que o pai apresentou um envolvimento expressivo com o filho, desde a gestação, parto, primeiros dias após o nascimento, até o momento em que assumiu o cuidado integral da criança. A participação constante do pai possivelmente contribuiu para formação do vínculo com a criança, e consequente decisão de se tornar o principal cuidador, além de sentir-se capaz de assumir os cuidados com a criança. Conclui-se que há pais que estão mudando a participação nos cuidados dos filhos, envolvendo-se e diferenciando-se do papel tradicional de provedor.

Palavras-chave: Pai; Paternidade; Envolvimento; Relações Familiares; Relações pai-crianças.

Abstract: Changes observed in families, including arrangements and distribution of roles, have directly impacted parental involvement. The purpose of this study was to characterize the father involvement when the father is the main responsible for the integral care of the child. It is a qualitative study of a single case in which a father who took full-time care of the child was interviewed. The results through the interview and network map, gave rise to the categories of

paternal involvement in pregnancy, childbirth and puerperium, decision making process for paternal assumption of the child's integral care, paternal involvement during the period of full child care, care references and inspiring attachment figures, paternal awareness about himself and the social and family network's significant reaction and challenges of parenthood. It is concluded that there are parents who are changing the participation in the care of the children, getting involved and differentiating themselves from the traditional role of provider.

Keywords: Father; Paternity; Involvement; Family relationships; Parent-child relationships.

Estudos da área da Psicologia e Desenvolvimento Humano relacionados ao papel do pai e a paternidade em si são mais recentes e menos estudados do que a maternidade e o papel e a função da mãe (Arruda & Lima, 2013). Desta forma, o papel do pai e a sua importância para o desenvolvimento infantil tem sido foco recente de pesquisas por parte da Psicologia frente às mudanças ocorridas nas últimas décadas e apontam para a necessidade de redefinição dos conceitos que envolvem a paternidade, a maternidade e a família (Bossardi & Vieira, 2010).

Após analisar a caracterização da produção de artigos empíricos envolvendo o tema paternidade entre 2002 e 2012, Vieira, et al., (2014) indicam que o exercício dessa condição passa por um período de mudanças, na qual, por um lado, há o reconhecimento da importância da participação ativa do pai para o desenvolvimento da criança e, por outro, a manutenção dos papéis parentais tradicionais, no qual o pai se configura como um mero auxiliar da mãe, ficando ao encargo desta a principal responsabilidade pela criação dos filhos.

As necessidades da contemporaneidade impulsionam mudanças nas rotinas de homens e mulheres, o que impacta no comportamento e papéis por eles desenvolvidos. Sendo assim, o patriarcado e seus parâmetros rígidos não definem mais a função paterna, que passa por um período de transição nos valores e modo de viver dos indivíduos e das famílias. Nesse modelo rígido e tradicional de divisão de papéis cabia ao homem as responsabilidades financeiras e de proteção dos familiares e à mulher a de gerar e promover cuidados aos filhos em conjunto com as demandas domésticas (Arruda & Lima, 2013).

Num continuum desse processo de mudanças nos papéis parentais, observa-se hoje uma maior proximidade, demonstração de afeto e participação ativa do pai no desenvolvimento das crianças (Bossardi & Vieira, 2014). O que aponta para uma maior flexibilidade nos papéis maternos e paternos e a abertura de espaço para experimentar novas possibilidades, rompendo com estereótipos rígidos (Souza & Sanguinet, 2012).

Esse movimento de transformação de padrões rígidos pode ser observado por meio de mudanças nos papéis, responsabilidades e tarefas de cuidado com os filhos exercidos por pais e mães. O estudo de Bossardi (2015) encontrou famílias em que tanto o pai, quanto a mãe exercem cuidados aos filhos, compartilham tarefas domésticas e contribuem para a renda familiar.

Para Minuchin (1982), com o nascimento do primeiro filho, o subsistema marital muda para outro nível de formação familiar, transformando-se em subsistema parental. Para tanto, o casal deve se diferenciar para então desempenhar as tarefas de cuidado e socialização da criança, sem que perca o apoio mútuo.

Percebe-se que há uma demanda social para uma participação mais ativa no cuidado e convivência com os filhos por parte dos pais. No entanto, há uma desigualdade entre a exigência por uma paternidade mais participativa e sensível e as condições que a sociedade e a legislação oferecem para que aconteçam na prática (Cúnico & Arpini, 2013). A licença paternidade, por exemplo, recentemente passou de 5 para 20 dias, caso o pai trabalhe em uma empresa participante do Programa Empresa Cidadã (Lei Nº 13.257, de 8 de março de 2016). No entanto, esse ainda continua sendo um período curto para favorecer o vínculo pai-bebê, em comparação a países como a Suécia, no qual a licença paternidade permite que o pai fique em casa por um período de até um ano e quatro meses para cuidar do filho e a licença pode ser concedida de uma só vez ou em partes. Nesse país, os direitos são iguais para homens e mulheres e a família pode escolher o momento em que deseja tirar a licença até a criança completar quatro anos. (G1, Globo Repórter, 2014)

Cabe destacar que muitos dos pais atuais foram criados e cresceram no modelo tradicional, no qual o homem era o chefe da família, provedor e responsável pela ordem e os cuidados dos filhos ficava sob a responsabilidade exclusiva das mães. Alguns desses homens quando se tornaram pais, buscaram romper com esse padrão e construir novas formas de tornarem-se

pai. O estudo de Bolze e Crepaldi (2015) indica algumas variáveis que interferem nesse processo, quais sejam: características e necessidades individuais do pai, processos familiares, história de vida, contexto social e cultural. Observa-se, desse modo, que há diversas variáveis que influenciam a paternidade, assim como há uma pluralidade de modos de exercê-la. Na atualidade encontra-se pais que exercem uma paternidade mais pautada no modelo tradicional, assim como outros que atuam de acordo com um modelo mais igualitário e participativo de cuidados com os filhos (Bolze & Crepaldi, 2015).

O estudo realizado por Freitas et al (2009), com o objetivo de analisar os significados atribuídos a paternidade por homens que são pais, aponta que embora os homens ainda continuem a ver seu principal papel na família como o de provedor material e moral, vislumbra-se uma mudança nessa concepção. Por meio de cuidados socialmente considerados femininos, o provedor afetivo também vem aparecendo, possibilitando um estreitamento e maior proximidade de vínculos, com vistas a romper com estereótipos de uma masculinidade insensível e intocável.

Os pesquisadores Bossardi e Vieira (2015) constataram que na atualidade há famílias em que essas funções não estão mais claramente definidas, parecendo não existir mais divisões entre o que deve ser feito pelo pai e o que deve ser feito pela mãe. Isto justifica a necessidade de se discutir sobre as implicações provocadas por essas alterações. Os autores ainda pontuaram que começa a ser desenhado um novo perfil de pai e de mãe na família atual, trazendo desafios para as relações entre os progenitores e destes com seus filhos.

Prado et al. (2007) demonstraram em seus estudos que o cuidado parental é estimulado e desenvolvido em função do tipo de relação existente entre o pai e a mãe e pelos papéis que cada um assume, sendo que ambos influenciam diretamente no desenvolvimento e cuidado infantil. Carvalho (2007) colabora com a literatura definindo o cuidado como uma

potencialidade humana que independe de gênero, mas sim de condições para se desenvolver e se manifestar.

A maior presença da mulher no mercado de trabalho e nos campos de estudo, modificou as vivências domésticas, provocando novas formas de organização das funções parentais, que podem ser observadas em situações nas quais a maternagem é exercida pelo pai, enquanto a mãe trabalha ou está ausente por outros motivos. (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006). Nestes casos, o cuidar torna-se importante tanto para o homem quanto para a criança, por favorecer a construção de vínculo afetivo entre eles, além de ser uma oportunidade para o pai desenvolver sua paternidade e ganhar autonomia nos cuidados básicos com o filho, devido à ausência da mãe. Isto possibilita ao pai a necessidade de rever seu lugar na família e na sociedade, enquanto indivíduo do gênero masculino, tendo em vista que a partir de seus desejos e necessidades pode abrir espaço para ampliar sua participação na família para além da subsistência dos seus membros (Arruda & Lima, 2013).

Sutter e Bucher-Maluschke (2008) indicaram resultados de pesquisa nos quais os homens demonstraram profundo envolvimento emocional com os filhos. Os pais que participaram da pesquisa consideravam a paternidade uma atividade prazerosa, o que os motivou a uma participação mais ativa. Desse modo, observou-se que os homens expressaram sentimentos de muito apego para com os filhos, algo culturalmente mais associado a relação mãe-criança.

A pesquisa realizada por Souza e Sanguinet (2012) estudou pais que assumiram sozinhos os cuidados parentais e observaram que os mesmos estão mais interessados em participar ativamente da vida de seus filhos, não apenas no papel de provedor, mas, principalmente no de cuidador e de referência afetiva. O pai que cuida parece ter agora a oportunidade de demonstrar sua capacidade de amar, acolher, cuidar, se emocionar e sofrer por seus filhos e ainda poder demonstrar esses sentimentos e necessidades reprimidas pelo modelo

patriarcal. Mesmo que ainda presos a modelos identitários rígidos e antigos, percebe-se o quanto esses homens têm buscado novas formas de viver e se permitido experienciar outras facetas da paternidade que incluem não apenas a o sustento financeiro, mas também uma maior convivência, tempo e participação nos cuidados cotidianos de suas crianças (Sutter & Bucher Maluschke, 2008)

Desse modo, cabe fazer referência ao conceito de envolvimento paterno, o qual é definido a partir da interação direta e indireta com a criança com base em três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade (Lamb, 2000; Lamb, Pleck, Chanov, & Levine, 1985). Por *interação e/ou engajamento* entende-se como o tempo dedicado para interação dual com a criança para atividades, como alimentá-la, auxiliá-la nas tarefas escolares ou brincar de esconder no quintal, por exemplo. Esta interação envolve a experiência do pai no contato direto com o filho, incluindo cuidados ou brincadeiras. Aqui não se inclui o tempo dedicado a atividades domésticas relacionadas à criança ou quando o pai está em um espaço da casa enquanto a criança brinca em outro. Na *acessibilidade* encontram-se atividades caracterizadas por graus de interação menos intensos. Relaciona-se a disponibilidade e presença do pai para com a criança, excluindo o tipo de interação entre eles. Como exemplo seria uma situação na qual o pai lava a louça enquanto a criança assiste televisão em outra peça da casa. Por fim, por *responsabilidade* associa-se a participação do pai em atividades como a escolha do pediatra, agendamento de consultas e vacinas, seleção de escola e espaço de cuidados e lazer, contratação de babás e contato com professores, por exemplo.

Bolze (2011) cita Dubeau et al (2009), pesquisadores que definiram o conceito de envolvimento ou engajamento paterno de forma mais ampla, como a participação e preocupação contínua do pai em detrimento do bem-estar físico e psicológico do filho. Para tanto, dividiram em categorias de acordo as características do cuidado do pai: pai em interação: presença direta ou indireta do pai com o filho; pai que cuida: divide as tarefas do dia a dia; pai

afetivo: demonstra gestos e palavras que tranquilizam e encorajam; pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento do filho; pai provedor: dispense apoio financeiro para as necessidades da criança; e pai evocativo: pensa na criança (Dubeau, et al. 2009, p. 75, tradução livre)

Os pesquisadores Silva e Piccinini (2007) destacaram em seus estudos a satisfação dos homens com a paternidade, demonstrando felicidade no desempenho desse papel, apresentando um autoconceito positivo e confiante quando consideraram-se bons pais, presentes e próximos de suas crianças. Além disso, demonstraram orgulho e contentamento com seus filhos. As mulheres, por sua vez, também começaram a perceber essa transformação no papel do homem na família ao considerarem seus maridos tanto ou mais carinhosos que elas mesmas com os filhos (Crepaldi et al., 2006).

Arruda e Lima (2013) contribuem assinalando que essa mudança torna possível a redescoberta pelo homem do que é ser pai. Entretanto, a participação masculina ainda não pode ser considerada como igualitária. Os autores avaliaram que a mesma sociedade que pressiona o homem a ser amoroso, prestativo e cuidadoso com os filhos, o discrimina quando precisa se dedicar a alguma atividade que socialmente ainda cabe predominantemente a mulher, como, por exemplo, ausentar-se do trabalho para alguma reunião escolar.

Seabra e Seidl-de-Moura (2011) citam Santos (2004) em uma análise das características masculinas apresentadas em duas revistas voltadas para o cuidado, comportamento e desenvolvimento infantil. Elas concluíram que grande parte dos artigos e imagens estão direcionadas às mães e, quando os pais aparecem, nunca estão relacionados a tarefas de cuidados. Nas matérias, encontram-se muitos exemplos de mães que abriram mão de suas carreiras para ficar com os filhos e, nos artigos relacionados ao fim da licença maternidade e decisão de quem irá ficar com o bebê, o pai nunca é mencionado.

Carvalho (2007), em seu estudo com pais cuidadores que criam os filhos sozinhos, apontou que muitos são os preconceitos de gênero quando o homem se coloca nesse papel. A rede de apoio familiar e social significativa é a primeira a não oferecer suporte para que o pai assuma a guarda das crianças. No trabalho, ele lida com a desconfiança e, nas escolas e serviços de saúde, ele não é chamado a participação da mesma forma que a mãe. Esses pais ainda relataram as dificuldades de estrutura para pais (homens) em locais públicos, tais como banheiros e fraldários, e até questionamentos sobre a própria heterossexualidade. Isto demonstra o quanto preconceitos sociais e barreiras institucionais dificultam as ações de cuidado do pai.

Outro fator influenciador do envolvimento paterno é a relação dos homens com seus próprios pais. Trabalhos científicos apontam que homens que tiveram uma relação e imagem mais positiva de seus pais na infância, tendem a participar mais ativamente no cuidado e na relação emocional de seus filhos (Bolze & Crepaldi, 2015; Turcotte & Gaudet, 2009).

Nessa perspectiva, outra variável que merece destaque diz respeito às características da esposa, mãe da criança, e da relação conjugal. O comportamento da esposa pode incentivar ou desestimular a maior participação do pai nos cuidados dos filhos, uma vez que a crença de que o cônjuge é incapaz de cuidar e exercer tarefas adequadamente com as crianças, os faz não confiarem em suas próprias capacidades parentais (Bolze & Crepaldi, 2015). Nesse sentido, algumas mães, por receio de perderem o poder na esfera familiar, podem agir como vigilantes do cuidado paterno (*gatekeepers*), não permitindo ou desencorajando os homens de desempenharem um papel mais ativo enquanto pais (Bolze, 2011; Crepaldi et al., 2006; Turcotte & Gaudet, 2009).

Essa ideia é corroborada por Arruda e Lima (2013), ao afirmarem que a participação dos pais na vida dos filhos é muitas vezes determinada pelo tanto de aproximação que as mulheres permitem. Estas demonstraram ambivalência em relação a maior participação dos pais

quando duvidaram da competência deles enquanto cuidadores e pelo temor da perda do controle da maternagem. Pode-se citar, ainda, o receio da perda de seu papel primordial no trabalho doméstico e no desenvolvimento e educação dos filhos.

Bolze (2011) sugere que o envolvimento paterno é influenciado principalmente pelas atitudes maternas, uma vez que quanto melhor a qualidade da relação conjugal na perspectiva das mães (esposas), maior o envolvimento do pai com os filhos. Bossardi (2015) corrobora indicando que as crianças são beneficiadas por uma relação conjugal de qualidade. Casais com uma relação mais harmônica apresentam maior envolvimento e maior qualidade de interação entre pai e filho, sugerindo que o afeto positivo entre pai e mãe pode aumentar o afeto positivo do pai com a criança.

Belsky e Rovine (1990) avaliaram, durante os três anos após o nascimento do primeiro filho, o efeito sobre o comportamento paterno e as mudanças na relação conjugal. Os resultados sugeriram que a manutenção ou a melhora da qualidade da relação conjugal está relacionada ao comportamento paterno positivo (afetuoso, desafiador, com base em encorajamento e aprovação) com a criança, enquanto a deterioração do relacionamento está associada com o comportamento paterno negativo (distante, com base na crítica e desaprovação). Ademais, a literatura sugere ainda que a qualidade da relação dos filhos com o pai pode sofrer interferência não apenas pela forma como os pais se relacionam com eles, mas também, pelas características psicológicas e biológicas da criança, como por exemplo um temperamento fácil ou difícil (Cowan & Cowan, 2016).

Crepaldi et al., (2006) corroboram com a literatura discutindo que diferenças individuais e filogenéticas são insuficientes para justificar a dificuldade de muitos homens em apropriar-se e participar dos cuidados de seus filhos. A pesquisa das autoras demonstra a necessidade de olhar para o contexto sociocultural no qual o pai está inserido e aponta, por exemplo, as práticas dos setores de saúde e educação que excluem o pai na interlocução sobre aspectos relacionados

a criança. Os autores afirmaram que essa prática confirma o lugar do pai como um auxiliar da mãe, incapaz de cuidar ou de tratar assuntos inerentes aos filhos.

Brasileiro et al. (2002), citados por Arruda e Lima (2013) esclareceram que em um relacionamento igualitário, os cônjuges procuram uma participação equilibrada entre o trabalho doméstico e familiar e a contribuição econômica para manutenção da família. Isto não implicaria, necessariamente, em uma divisão “meio a meio” para cada um, mas sim uma divisão consciente, com equivalência na participação de cada um e anuência de ambos os lados.

Constata-se que as transformações vividas resultam de uma variedade de eventos e interferências que instigam a análise por vários ângulos. Se por um lado, o homem batalha para obter credibilidade no cuidado com os filhos, por outro, a mulher precisa enfrentar muitas barreiras de inclusão e reconhecimento no mercado de trabalho. Com isso, o pai passou a assumir várias outras funções no sistema familiar, que inclui atividades com a casa e com os filhos, experimentando outras facetas como a de cuidador, provedor, companheiro, educador e outros. (Bossardi & Vieira, 2015). Desse modo, o objetivo do presente estudo foi caracterizar o envolvimento paterno quando o pai é o principal responsável pelo cuidado integral da criança.

Método

Delineamento

O presente artigo é um estudo de natureza qualitativa, o qual não foca na generalização dos dados, mas na análise abrangente em profundidade (Minayo, 2000). O trabalho caracteriza-se pelo delineamento de estudo de caso único (Yin, 2010), opção feita por proporcionar uma percepção dos fatos a partir de um referencial teórico e das características particulares do caso estudado (Martins, 2006).

Participantes

Apresenta-se o caso de uma família de uma capital de um Estado do Sul do Brasil, sendo composta pelos pais, Roberto e Carla¹, e um filho de 4 anos, Eduardo. Essa família foi escolhida pela proximidade com a pesquisadora que possui uma relação de amizade com seus membros e que acompanhou as mudanças e etapas do ciclo de vida vivenciadas até a presente data. Carla é funcionária pública e Roberto administrador.

Procedimentos

Para coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) (Minayo, 2010) e aplicação do Mapa de Redes (Anexo A), proposto por Sluzki (1997) com o pai. O Mapa de Redes possibilita identificar o grau de intimidade e compromisso relacional do participante com as pessoas de suas redes de relações. O instrumento é composto por três círculos e quatro quadrantes. O círculo interno representa as relações íntimas ou cotidianas, o círculo intermediário corresponde às relações com menor grau de intimidade, com contato pessoal/social e o círculo externo se refere as relações ocasionais ou distantes. Os quadrantes correspondem as pessoas da rede da família, amizade, comunidade (incluindo vizinhos, pessoas da crença religiosa e profissionais de saúde) e pessoas da rede do trabalho e/ou estudos.

A entrevista semiestruturada foi analisada conforme análise de conteúdo (Bardin, 2011), a qual se refere a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (p.48). A análise do conteúdo levou em consideração o aspecto individual e atual da linguagem do entrevistado e suas significações. Optou-se pela análise categorial temática, que preconiza encontrar os núcleos de sentido que compõem a comunicação e que podem significar algo para o objetivo analítico escolhido (Bardin, 2011).

¹ Nomes fictícios.

A entrevista e a aplicação do instrumento foram realizadas em dia e horário agendado previamente, sendo gravados e transcritos para posterior análise, com vistas a responder aos objetivos do presente estudo. O tempo de duração foi de duas horas e 10 minutos.

No que diz respeito a considerações éticas, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os nomes e dados que identificam a família foram alterados para preservar a identidade do participante e dos membros da sua família.

Resultados e Discussão

Os resultados e a discussão do caso serão apresentados a partir das seguintes categorias de análise: 1) Envolvimento paterno na gravidez, parto e puerpério, 2) Processo decisório para assunção paterna dos cuidados integrais da criança, 3) Envolvimento paterno durante o período de cuidado integral à criança, 4) Referências de cuidado e figuras de apego inspiradoras, 5) Percepção paterna sobre si mesmo e da reação da rede social e familiar significativa, 6) Desafios da paternidade.

Descrição do caso

Roberto está atualmente com 38 anos e trabalha como diretor de uma empresa da área digital e com aluguel de aptos de temporada em uma pousada própria que garante suporte financeiro à família durante o ano. É pai de Eduardo, 4 anos, e casado há 6 anos com Carla, servidora pública, também com 38 anos. O casal se conheceu quando Roberto morava, por questões profissionais, em uma cidade de outro estado. Após 2 anos e meio de namoro à distância, ele pediu demissão do emprego e retornou à sua cidade natal. Casaram-se e passaram a residir na cidade e estado onde estão hoje, no qual encontram-se as famílias de origem dela e dele. O filho foi planejado, fruto de uma decisão em conjunto e nasceu após dois anos de casamento. Roberto teve 5 dias de licença paternidade após o parto, retornando as atividades laborais em seguida. Ele trabalha desde os 13 anos e após o período de licença maternidade da

esposa, quando o bebê estava com oito meses, pediu demissão do emprego. Durante o período de um ano, ele assumiu os cuidados em tempo integral do filho, enquanto a esposa trabalhava, abrindo mão de suas atividades profissionais para se dedicar exclusivamente à criança. Os dados dessa entrevista focam, principalmente, neste período do ciclo de vida familiar de transição para a paternidade.

Envolvimento paterno na gravidez, parto e puerpério

O pai referiu alto envolvimento na gravidez, demonstrando interesse em conhecer aspectos da gestação e parto e acompanhando a esposa em todos os exames e consultas médicas: *“Então começamos acompanhamento médico, eu interessado, olhava para a prateleira do médico e perguntava como seria. Procurei me informar para saber quais cuidados necessários...”*. A pesquisa realizada por Piccinini et al. (2004), constatou que os pais participam de diferentes maneiras da gravidez de suas parceiras, incluindo modos diretos, como acompanhamento a ultrassons e consultas e também indiretos, por meio de apoio emocional. Os achados também apontaram que a maior parte das preocupações mencionadas pelos pais referem-se a saúde e bem-estar do bebê e da mãe, revelando um envolvimento emocional e comportamental com ambos.

Santo e Bonilha (2000) em seu estudo sobre expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o nascimento dos filhos, apontou que os mesmos têm um desejo grande de participar de todos os momentos relacionados ao parto e nascimento. Participar do parto foi apontado como algo que tranquiliza o pai e o fez sentir-se preparado para lidar com este momento, reconhecendo que sua presença traz segurança para a companheira.

Nesta direção, o estudo de Tomereli et al. (2007) mostrou que a presença do pai conforta, tranquiliza e acalma a parturiente. Do mesmo modo, segundo Crepaldi e Motta (2005) de acordo

com o relato de mulheres, a presença do acompanhante traz conforto, segurança e confiança durante o parto.

O pai, participante desse estudo, contou com riqueza de detalhes cada momento do nascimento de seu filho, do início do trabalho de parto até o nascimento, referindo como esteve envolvido em cada uma das etapas:

“(...) fomos na clínica e o médico dela deu uma olhada e como não tinha contração, precisava estimular e então fomos no parque andar. Como a gente mora perto, ela queria ir a pé. Então, eu convenci ela a ir de carro. Na segunda volta ela já parou e começou com muita dor...daí fomos para casa e ligamos para o médico e começamos a controlar contração. Isso já era umas 17 horas, em casa ela foi para a cama, depois para o banho quente, pegou a bola, me chamou para a tirar a bola... (risos) ... e aí eu comecei a ficar nervoso por ela. Então perguntei se não queria chamar a doula para me ajudar”.

Relatou com muita emoção o apoio para acelerar as contrações e dilatação, dando conforto físico e emocional até o momento do nascimento, no qual participou ativamente, inclusive cortando o cordão umbilical:

“(...) eu ficava do lado dela ajudando, né... (...) E eu ia ajudando, ia fazendo o que o médico ia falando. Segurava perna, levantava ela, mudava de posição. Até que meia noite e pouco ela estava na cama e eu falando força, força, daí começou a aparecer o Eduardo. Nessa hora fomos para a banheira e aí já estava no processo final. Daí o médico

falou vai sair, eu vou ver o cordão e o resto é contigo. Nesse momento eu já estava tranquilo, não sei se estava tão anestesiado... ela estava na banheira e saiu a cabeça, o médico só arrumou o cordão e eu puxei ele, aí ela sentou na banheira e pegou ele no colo (emoção, choro). (...) ficamos um tempão, até o cordão parar de fluir sangue. Esperamos bem assim, tudo que a natureza manda, o máximo que deu. Aí o médico fixou e me deu a tesoura e cortei o cordão. Aí ficamos mais um pouco e a médica pegou [o bebê] para fazer os exames. Aí eu estava na lua e tal, mas muito tranquilo... acho que quando o bebê sai e tu vês aquilo, sai todo o estresse do mundo”.

Brandão (2009) observa em sua pesquisa que a experiência vivida pelo pai de cortar o cordão umbilical do filho no momento do parto, interfere positivamente no envolvimento emocional entre eles. O estudo desenvolvido por Perdomini e Bonilha (2011) indica que os pais consideram importante sua presença em todo o processo de parturição, pois oferecem apoio emocional, além do papel de fazer companhia e de acalmar a mãe no momento das contrações uterinas. Ainda observa que para alguns pais, esta presença auxiliou numa transição tranquila para a parentalidade, em especial, quando puderam pegar seu bebê no colo, ouvir seu choro e constatar que tudo tinha dado certo. Considera que essa vivência e participação é fundamental para a formação do vínculo entre pai e filho. Uriko (2011) colabora demonstrando que experiências positivas durante o parto podem auxiliar a entrada na parentalidade de forma mais segura tanto para o homem quanto para a mulher.

Questionado sobre suas emoções e pensamentos ao lembrar do parto, Roberto demonstrou conexão e proximidade:

“Me emociona, tu sabes como é... Foi muito legal, não tem preço. (...) Eu acho que não pensei em nada, só ficava olhando ele [o filho], agradecendo que ele estava ali, todo direitinho (choro) ... acho que o maior medo, né... se tem alguma coisa. E eu fiquei olhando com ela, fiquei junto... acho que não estava pensando em muita coisa. Daí a banheira era triangular, ela escorregou e deu um caldo no Eduardo... (risos) ... mas eu estava preparado, estava com medo que ela escorregasse e puxei os dois, ela ficou meio nervosa, mas a água para ele ainda era tranquilo porque tinha acabado se sair de lá... (risos) ... aí ele lá, aquela coisa branquinha, começou a chorar, a gente ficou abraçado um tempão com ele, aí entrou a mãe e irmã dela, depois meus pais, uma visitinha rápida (...) Depois disso fomos pro quarto e eu fiquei o tempo todo. Cuidamos para não afastar o Eduardo da mãe, ficar junto o tempo todo. Eu fiquei direto o tempo todo. Dormi, eu não deixei ninguém ficar. Eu ficava controlando, olhando ele para ela descansar. Acho que nem dormi direito, ficava olhando se estava respirando...”

O puerpério, que corresponde ao período logo após o parto, é uma fase de grandes mudanças maturacionais, uma vez que implica em novas alterações fisiológicas, na consolidação da relação pais-filho, além das mudanças da rotina e do relacionamento familiar (Maldonado, 2013). Após o nascimento do filho, o pai relatou insegurança por parte da mãe nos cuidados iniciais e amamentação do bebê e mencionou como a apoiou nestes momentos:

“E uma coisa que reparei na Carla, apesar de ser uma mulher muito forte, era essa insegurança de quando ele [filho] chorava. (...) às vezes dava aquele berreiro e isso incomodava muito ela e eu já sabia que aquilo era normal, que podia ser fome e tal. Não que eu sabia, mas, meu instinto dizia que não adiantava se desesperar porque ia ficar três nervosos em casa. E aí na hora de amamentar também, no início, nos primeiros dias, eu senti que ela ficou nervosa. Eu ajudava, acordava de madrugada”.

A importância do apoio do pai, foi evidenciado em pesquisa realizada por Dessen e Braz (2000), na qual as mães participantes consideraram o apoio do marido/companheiro, após nascimento do bebê, mais importante que as demais fontes de suporte. Dessen e Oliveira (2013) corroboram ao encontrarem em seu estudo com mulheres grávidas e mães de bebês até seis meses, evidências de que o pai é a principal fonte de suporte à mãe durante a fase de transição ocasionada pelo nascimento dos filhos. As mulheres mencionaram que a mudança mais importante para elas diz respeito a encontrar no companheiro um pai presente no lar e afetivo, que as apoie e que seja carinhoso com as mesmas e com seus filhos.

O pai referiu participação nos cuidados com o filho desde os primeiros dias, incluindo troca de fraldas, banho, higiene do umbigo e amamentação:

“Olha, eu pedi para a Carla me ensinar. Na maternidade eu acompanhei o banho e eu também aprendi. A Carla também sabia. Não lembro quem deu o primeiro banho em casa, se foi eu ou ela. Mas eu já trocava fralda, cuidava da higiene do cordão. No início, fazíamos juntos e depois de uns dias, começou a entrar na rotina. (...) sim, sim, sempre

junto. Ela amamentava e eu pegava para arrotar. Principalmente na madrugada, ele mamava e eu levava para arrotar”.

Oliveira e Brito (2009) ao investigarem as ações realizadas pelos homens durante os cuidados iniciais, perceberam que eles interagiam consigo mesmo, com a companheira, com o bebê e com o ambiente familiar, estando esta vivência permeada pela atitude de cuidar.

Processo decisório para assunção paterna dos cuidados integrais da criança

O processo decisório foi negociado entre o casal e envolveu três aspectos. O primeiro deles dizia respeito ao salário e a oportunidade de crescimento na carreira que não eram bons o suficiente:

“(...) ele estava com 8 meses. Foi um consenso, né... o meu salário não valia a pena a ponto de ter que pagar alguém para cuidar do nosso filho. Além disso, não era uma empresa que dava um grande futuro, uma oportunidade que valesse. Era um emprego normal. Então, achamos melhor ter uma educação de pai e de mãe. Daí eu passei a ficar direto com ele. Nesse primeiro ano ele ficou em casa. Ele só foi para a escola com 01 ano e 8 meses. Então, eu passei o ano inteiro com ele”.

O segundo ponto teve relação com o fato da esposa não gostar de babá: *“Não era um salário que compensasse deixar o Eduardo com alguém, e a Carla nunca gostou de gente em casa, de babá, empregada, essas coisas... ainda mais para a educação de uma criança”.*

O terceiro ponto demonstra a preocupação com a saúde da criança e foi elucidado quando Roberto foi questionado se haviam pensado na possibilidade de escola: *“Não,*

achávamos [ele] muito novinho. Muita doença, a gente preferiu não colocar. Eu falei, deixa que eu fico porque colocar na escola para ficar em casa, não adianta”.

A ideia de deixar o filho aos cuidados paternos em tempo integral partiu da mãe e teve como prioridade o bem-estar do filho. Entretanto, o suporte financeiro e as exigências masculinas do papel de provedor também foram consideradas:

“De eu largar [o emprego] foi dela. A Carla sugeriu, ela disse que eu trabalhava muito e ganhava pouco. E que não valia a pena largar a criança. No início eu fiquei meio contrariado, pensei no Eduardo, mas, não quis. Não gosto de ficar parado e não acho que um cara da minha idade tenha que ficar em casa parado. (...) depois que eu pensei que o mais importante era meu filho, eu aceitei. E era aquele ano. (...) A função financeira de um homem estava cumprida com o trabalho na pousada (...) ela também ganhava bem e ela nunca exigiu. Tanto é que seu quisesse continuar trabalhando apenas na praia até hoje poderia”.

Cia & Barbam, (2006), citados por Santos (2016) constataram que é muito comum que as necessidades oriundas da família e do trabalho se sobreponham e gerem conflitos nessa conciliação. Isto faz com que as pessoas acabem optando entre os dois papéis, tendo que escolher entre atender as demandas familiares e as de trabalho, o que, geralmente, acaba trazendo perdas para as duas esferas.

Para Fraenkel & Capstick (2016) é primordial que o casal mantenha um diálogo transparente e ininterrupto em relação aos desafios do período de transição para a parentalidade. Isto inclui uma avaliação das interferências de suas experiências pessoais financeiras, situações

estressantes e crenças sobre trabalho, gênero e qualidade de vida que podem trazer das suas famílias de origem.

De acordo com Wagner et al. (2005) a entrada da mulher no mercado de trabalho e participação na renda familiar tem convocado o pai a uma participação ativa nos cuidados com os filhos. Nesse novo contexto, Bossardi e Vieira (2015) destacaram a importância de que os cuidadores se organizem para dar conta das demandas da criança. Com relação a opção de não ter babá para a criança, Polli et al. (2016) observaram que a necessidade familiar em procurar um cuidado não parental para o bebê acarreta um maior sentimento de responsabilidade e de preocupação nos pais.

Envolvimento paterno durante o período de cuidado integral

Bossardi et al. (2015) reforçaram que as crianças que possuem um apego seguro com suas mães se tornarão adultos mais autoconfiantes e sociáveis. No entanto, atualmente, confia-se que o pai também pode colaborar para um desenvolvimento saudável do filho. Nesta mesma linha, Bueno et al. (2015) ressaltaram que o maior envolvimento do pai nas atividades de cuidado dos filhos e tarefas domésticas pode gerar uma maior qualidade das interações entre pai e filho e interferir de forma positiva no desenvolvimento infantil.

Bossardi et al. (2015), ainda afirmaram que os pais têm se envolvido diretamente no cuidado com os filhos, oferecendo suporte afetivo, dando colo, acalmando a criança quanto tem medo, atendendo quando chora ou precisa de ajuda, abraçando e dizendo que à ama. Da mesma forma, eles brincam com os filhos, alimentam, dão banho, realizam atividades de lazer e educam/corrigem comportamentos quando necessário. Isso aponta para evidências de que assim como a mãe, o pai também é capaz de se envolver, se comunicar de forma competente e desenvolver relações próximas e de qualidade com suas crianças.

Quanto às dimensões do envolvimento paterno, apresentadas por Lamb (2000); Lamb, Pleck, Chanov, & Levine, (1985), quais sejam, interação, acessibilidade e responsabilidade, observou-se que as crianças menores, por serem mais dependentes, exigem mais atenção por parte dos cuidadores. Nestes casos, a relação entre o cuidador principal e a criança será permeada por mais interações relacionadas a alimentar, pegar no colo, tranquilizar o choro, sorrir, fazer dormir, dar banho e brincadeiras mais simples como montar blocos (Bossardi et al., 2015).

Estas dimensões do envolvimento paterno puderam ser observadas na relação de Roberto com seu filho. A interação e engajamento direto apareceram nas brincadeiras e cuidados instrumentais:

“Ele acordava sempre tarde, entre 10 e 11hs. O edredom já estava na sala [no chão], daí eu ficava brincando com ele, dava o almoço, aquela rotina. (...) esse tempo todo que eu fiquei em casa, eu que fazia comida direto. Almoço e janta para ele e para a gente [casal] (...) e aí botava ele para dormir, todos aqueles cuidados de fralda e tal, até ela chegar de noite e brincar um pouco com ele. Geralmente, eu já dava banho de tarde, umas 17hs. Esquentava o banheiro, esquentava o quarto. Dava lanche da tarde, janta, eram quatro refeições. (...) A gente brincava um pouco com ele na cama, daí ele mamava e dormia. (...) Mas antes, eu ia com ele no parque chutar uma bola, brincar no parquinho. Na casa a gente brinca na sala, de carrinhos, autorama, massinha ou a gente deita para ver um filme.”

Ao ser questionado sobre quem atendia a criança durante a madrugada, o pai relatou novamente disponibilidade e interação direta: *“Geralmente era eu. Só se eu não escutasse, quando estava muito cansado, ela ia”*.

O pai relata alguns cuidados realizados exclusivamente por ele, demonstrando preocupação e dedicação:

“Passar o soro para assoar o nariz (...) Porque assim, desde que a gente descobriu que ele tinha bronquite, eu fico em cima todo dia. Ele toma homeopatia todo dia, geralmente sou eu quem cuida disso. Quando ele está com crise eu sou muito chato. Quando estou com ele fico de hora em hora com o soro e se é ela que está com ele, fico mandando mensagem de hora em hora... (risos) ... não que ela não vai dar, mas eu sei que ele só vai melhorar nessa exatidão do tratamento. E isso me angustia muito porque numas duas crises, eu lembro dele deitado comigo no sofá, chorando, dizendo que não conseguia respirar. E eu não admito isso em uma criança, então, faço o que tiver que fazer (choro). ”

“Mas assim, contando desde o nascimento, eu não sei... é sempre isso e também lavar a mão. (...) ah, a unha sou eu que corto desde que ele nasceu. (...) cortar a unha só eu faço. (...) ah, levar para cortar o cabelo, a Carla às vezes vai junto, mas geralmente é comigo. ”

A acessibilidade apareceu nos momentos em que mesmo organizando outras rotinas da casa, mantinha-se disponível para a criança: *“Eu brincava, estendia um edredom na sala. O*

apartamento era pequeno, então o edredom ficava sempre ali. Eu acordava, tomava café. Se precisasse estudar alguma coisa ou ver no computador, já fazia”.

Referências de cuidado e figuras inspiradoras de apego

Roberto refere ter buscado informações sobre os cuidados com o filho nas conversas e observações com as pessoas do seu cotidiano e na sua história de vida, não tendo se inspirado em livros ou meios formais:

“Eu tento aprender com as pessoas o que cada um tem de melhor. Eu não escolho uma filosofia para seguir, eu tento aprender com o que cada um tem para oferecer. Então, eu tentava “pescar” as coisas que eu achava certas de cada um e repetir com ele. (...) acho que foi mais instinto. Eu também tenho muita memória de infância, do que eu passei... nada assim de trauma, mas de como foi minha vivência, minha rotina. ”

Nas suas lembranças relata ter sido cuidado pela mãe na maioria das vezes, e por ambos nos momentos em que era corrigido ou chamado a atenção por algum motivo, demonstrando papéis tradicionais como referência de cuidado na família de origem: *“Minha mãe cuidava mais, meu pai sempre trabalhava fora. Então, colégio, tudo, era minha mãe que procurava. Minha mãe que me acordava para levar para aula de manhã (...). Ela que fazia minha vitamina, dava minha banana de manhã. Às vezes meu pai, mas geralmente era minha mãe. Mas na hora de brigar, geralmente era os dois. (...) o meu pai raramente brincava comigo. Isso que eu tenho que tomar cuidado. Meu pai até fazia brincadeiras, mas, bem paradas (...). Até porque eu sou o irmão mais novo. Talvez como meu irmão mais velho tivesse algo, mas comigo não teve. Quem me levava para brincar mais era meu irmão, me levava para brincar com a turma dele.*

(...). Mas assim de brincadeira, meu pai estava sempre trabalhando, que eu lembre não tinha nada. Era sempre meu irmão ou outros. ”

Como inspiração no modelo do pai que Roberto se tornou ou que ainda quer ser, ele menciona o cunhado (marido da irmã) e a forma paciente como este cuida da filha. Ele cita também o quão importante a convivência com a sobrinha foi na construção do pai que é hoje: *“Na verdade, eu considero ele o meu segundo pai, ele tem os seus defeitos como todo mundo, mas é um cara que sabe falar com as pessoas, que sabe lidar com gente e como eu trabalhava em SP quando a minha sobrinha nasceu... Na verdade, eu também ficava muito com ela! (...) de um ano até.... Eu convivia muito, quando eles viajavam, minha mãe ia para SP ficar com ela e eu ficava cuidando junto. (...), mas eu aprendi muito na forma como eles lidavam com ela e, apesar de ser o quarto filho do meu cunhado, e os filhos dele terem a minha idade, eu via ele lidando com ela com muita paciência. E às vezes eu quero ter esse domínio (...)”*

O estudo de Bolze e Crepaldi (2015), sugeriu que há uma tendência dos pais a repetição de padrões comportamentais experimentados nas famílias de origem e dificuldades e esforço em superar os modelos geracionais negativos. As pesquisadoras observaram o interesse do pai em ampliar o papel paterno e romper com o padrão aprendido.

Nesta mesma direção, Beltrame e Bottoli (2010) demonstraram em seu estudo que os pais buscam na relação com seus próprios pais reafirmar pontos da educação que receberam e ressignificar a forma como agem, em especial, no que se refere aos aspectos afetivos. Afirmaram também que o pai atual não pretende copiar padrões antigos ou ocupar o lugar da mãe, ao almejar por meio de seus próprios parâmetros. Tendo como base aspectos transgeracionais, o pai constrói uma relação de trocas afetivas com seus filhos, ao mesmo tempo em que atende ao que a sociedade lhe exige.

Percepção paterna sobre si mesmo e da reação da rede social e familiar significativa

Embora Roberto tenha referido que a decisão de assumir o cuidado integral de seu filho tenha sido tomada em comum acordo com a sua esposa, ele demonstrou ambivalência na autopercepção diante da decisão tomada, demonstrando auto cobrança por não estar produzindo, ao mesmo tempo em que reconhece como os cuidados neste período impactarão positivamente na vida do filho. *“(...) acho que a maior cobrança era minha mesmo, de achar que não estava produzindo. Mas na verdade estava, né? Estava educando o meu filho. E isso pode gerar muita coisa para o futuro que a gente nem imagina. Então, hoje eu sinto que eu não faço nem metade do que eu fazia e me dá uma agonia por estar apostando tanto no trabalho em que estou, para o futuro dele.”*

Roberto mencionou não ter sentido nenhuma crítica ou reação negativa da rede social e familiar significativa: *“Olha, meus pais nunca falaram nada. (...) Minha irmã e meu cunhado também... meu irmão nunca expressou opinião. Ai depois do Eduardo nascer e eu parar ou não de trabalhar, meus pais nunca se meteram, nunca falaram nada. Os pais dela, eu acredito que também não... então, não senti nenhum tipo de cobrança. Talvez eu tenha notado algum olhar estranho mais da família da minha mãe, das irmãs dela porque tiveram uma educação mais tradicional e antiga. Talvez da família dela alguém deva ter comentado alguma coisa, né. “Mas, como? O homem que fica em casa cuidando e tal? ” Não só pela crítica, mas talvez por preocupação financeira. (...). Então, eu vi pessoas sensatas, que não julgaram, e todos também sabiam das nossas condições financeiras [que eram satisfatórias].”*

Castoldi et al. (2014), em um estudo longitudinal sobre envolvimento do pai da gestação ao primeiro ano, relatou uma sobreposição dos modelos de paternidade tradicionais e modernos que se conflitam e convergem durante a transição para a parentalidade. Para estes autores, o comprometimento do pai com os cuidados com os filhos e a preocupação em assumir o padrão do “novo pai”, juntamente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, não foram suficientes para apagar as marcas da herança social e familiar do pai provedor e autoritário.

Após o preenchimento e análise do mapa de redes, Roberto reconhece que sua rede social e familiar significativa esteve reduzida durante este período: “*nossa, que pobre! O que isso quer dizer?*”.

O quadrante relacionado a família foi o com o maior número de pessoas citadas e demonstra uma predominância da função de companhia social e apoio emocional, embora todas as outras funções tenham sido citadas e apareçam em todas as esferas de proximidade. A esposa, a irmã e cunhado foram as pessoas com as quais ele contou em todas as funções de rede descritas na ferramenta, vendo nessas pessoas seu principal suporte, sendo que a primeira, por ter uma relação íntima cotidiana, se configurava como a mais importante figura de apoio: “... *acho que deve ser a única que eu podia contar com tudo*”. A importância da relação com cunhado e irmã também fica evidente durante a entrevista quando são citados como figuras de inspiração e de suporte, não só no período pesquisado, mas também, em outros momentos do ciclo de vida de Roberto.

A chegada de uma criança na família acarreta uma mudança nas relações entre as gerações, pois, além de uma mudança na estrutura (díade para tríade), são incluídos novos papéis na unidade familiar (pai e mãe) e novas relações (pai-filho, avô-neto). Há a expectativa de uma melhora na relação entre as gerações por parte dos pais, o que geralmente não ocorre. Observa-se mudanças na intensidade da conexão, no entanto, a forma de se relacionar, continua muito semelhante ao que possuíam antes do nascimento do bebê. (Cowan & Cowan, 2016)

Rapoport & Piccinini (2006) sugerem que um cônjuge que dá apoio ao seu parceiro em relação às responsabilidades e tarefas parentais, o ajuda a realizar seu papel de maneira mais eficiente. Esse apoio ocorre por meio de atitudes de carinho, encorajamento, compreensão, conselhos e assistência e interfere diretamente no bem-estar psicológico e comportamento dos mesmos.

O quadrante relacionado a amizades também teve um número de citações representativo, com aparições nas relações pessoais com contato e nas relações ocasionais, não havendo nenhuma citação no grau de relações íntimas cotidianas. Da mesma forma que o quadrante família, aqui também se observa uma maior predominância das funções de companhia social e de apoio emocional, sendo que as funções de ajuda material e de serviços e de acesso a novos contatos, não tiveram nenhuma citação.

O quadrante comunidade teve apenas duas referências, sendo elas: a pediatra do filho com grau de significância de relação ocasional e a diarista, com grau de relações íntimas cotidianas. No pediatra, Roberto encontrava suporte de apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, regulação social e ajuda de material e de serviços. Na diarista, Roberto tinha apoio emocional e ajuda material e de serviços.

Em estudo realizado por Dessen e Braz (2000) sobre as mudanças na rede de apoio em detrimento do nascimento de filhos, envolvendo pais e mães grávidas ou com bebês até seis meses, encontrou-se diferenças na percepção dos mesmos. Os pais mencionaram aumento na rede de apoio financeira e material e as mães referiram aumento na rede de apoio psicológico. No presente estudo, encontra-se uma prevalência de citações de suporte emocional elencado pelo pai, contradizendo a literatura. Sugere-se que isto deve-se ao fato do pai ter assumido o papel de cuidador integral, enquanto a mãe retornou as atividades laborais e financeiras. Importante considerar também que as condições sociais e financeiras do casal estudado eram diferentes da amostra referida pelos autores acima, que estudaram casais de baixa renda.

O quadrante relações de trabalho e/ou estudo não teve nenhuma citação, ficando totalmente esvaziado, corroborando o afastamento no qual Roberto esteve de qualquer relação ou atividade laboral durante o período objeto desta pesquisa. Após o preenchimento do mapa, incluindo também as funções das redes, Roberto novamente relatou suas impressões,

demonstrando admiração em relação ao esvaziamento de alguns quadrantes durante este período: *“Não sei, acho que muito limitado, né? Eu acho limitado sim”*.

Ao mesmo tempo, ele reconhece ter sido uma escolha do casal ter vivido desta forma e não a significa de forma negativa: *“Acho que limitado por decisão nossa mesma. Mas acho que são pessoas que realmente fazem a diferença para a gente, né... é o que eu falei, quantidade não é qualidade. Eu tenho vontade de ficar perto dessas pessoas.”*

Por fim, Roberto analisa o mapa de redes considerando as pessoas que o apoiaram na decisão de ficar como principal cuidador do filho Eduardo, durante este período e sente não ter sido julgado ou criticado por ninguém, pelo contrário, menciona acolhimento em relação a decisão tomada: *“Ninguém me falou nada contra, ninguém me criticou. Acho que talvez o Luiz e a Cris [amigos]... muitas pessoas da nossa convivência falavam que era muito legal eu ser um pai participativo, mas ninguém falou nada pelo lado do emprego ou dinheiro.”*

Desafios da Paternidade

Roberto refere a preocupação com o futuro de Eduardo em função da Educação que estão dando a ele como o maior ponto de dificuldade na paternidade: *“Eu me preocupo com o que ele vai se tornar, né... Amizades, como que vai ser o futuro dele. Eu tento ensinar ele para o futuro, eu não penso em nada para agora. É difícil porque não é uma coisa imediata, é algo que talvez a gente só veja daqui a 20, 30 anos. Saber quais são as consequências da educação que estamos dando. Isso eu acho bem complicado, talvez eu nem esteja aqui para ver o que vai ser... (Risos) Vai saber, né? E a infância define muita coisa, índole, caráter.”*

Questionado sobre como percebia a estrutura externa de suporte, demonstrou flexibilidade e proatividade, sempre buscando alguma alternativa para os limites encontrados: *“(..). Quando ele era bebê eu ia para o fraldário, se era no banheiro feminino eu trocava no carro ou cobria a pia do banheiro masculino, furrava tudo e trocava. Eu me virava, achava um*

lugar para apoiar ele. (...), mas, de andar com ele na rua, eu nunca tive muita dificuldade. Sempre dei um jeito, conversava com ele, falava “vamos lá filhão, a gente dá um jeito” e ia os dois faceiros. ”

Considerações Finais

De maneira geral, pode-se afirmar que o pai demonstrou alto envolvimento com o filho em todas as etapas de sua vida, desde a gestação, parto, primeiros dias após o nascimento, até o momento em que assumiu o cuidado integral da criança. Este grau de participação inicial possivelmente contribuiu para formação do vínculo, e consequente decisão em se tornar o principal cuidador durante o período posterior a licença da mãe. Trata-se de um pai que esteve ambientado com a rotina e cuidados básicos do filho, sentindo-se capaz de assumir tal função. Vale também ressaltar a postura do pai que se mostrou disponível e da mãe que permitiu a participação do mesmo, abrindo espaço para a entrada deste na díade (mãe-bebê) e assim fazer a transição para a paternidade.

A negociação do casal sobre a organização dos cuidados do filho após o período de licença maternidade ocorreu praticamente sem conflitos, ponderando questões financeiras, crenças sobre cuidado, carreira e prioridades para a família. Este é um ponto de discussão frequente nas famílias neste período do ciclo, no qual, quando se opta por um dos cônjuges abrir mão do trabalho para assumir estes cuidados (mesmo que temporariamente), geralmente ocorre por parte da mulher.

A decisão tomada pelo casal é pouco usual e fazia-se a hipótese de que o pai tivesse sentido ou percebido algum tipo de preconceito ou reação negativa por parte da rede de apoio social e familiar significativa, o que não se confirmou. O pai refere o contrário, tendo inclusive, se sentido apoiado e percebido reações positivas por parte de algumas pessoas. Em relação as dificuldades que poderia ter encontrado em termos de estrutura ou acesso ao pai cuidador,

demonstra uma postura de proatividade, não significando as barreiras como empecilho para o exercício da paternidade. Este é um ponto importante a ser considerado, pois sugere que características individuais do pai interferem na superação dos desafios encontrados.

Por outro lado, fica evidente que a principal cobrança vinha do pai consigo mesmo, que mencionou aspectos que o tranquilizaram e possibilitaram aceitar o papel de cuidador principal por estar com sua função de provedor “cumprida”. Isso sugere que, mesmo um casal que decide por um modelo de cuidado diferente, demonstrando um arranjo moderno, sofre as influências dos modelos de cuidado assistidos e vivenciados em suas famílias de origem e na sociedade em geral.

O presente trabalho pretende trazer novas possibilidades de olhar as famílias e seus modelos de coparentalidade, ilustrando para um novo arranjo familiar, no qual pai e mãe são capazes de cuidar, prover e alternar as funções quando considerarem ser este o melhor ajuste para a família, tendo um compromisso mútuo com a educação e criação dos filhos. Desse modo, este estudo poderá contribuir com o aprimoramento de intervenções que favoreçam o envolvimento do pai com o filho desde o período da gravidez.

Entende-se ser esta uma primeira iniciativa de discussão sobre o assunto. Na literatura nacional não se encontrou referências específicas sobre o tema pai cuidador em período integral, indicando lacunas de estudos nesta área. Acredita-se que o material deste estudo possa abrir espaço para novos estudos sobre o assunto, com possibilidade de ampliação da amostra e possivelmente identificação de outros aspectos que possam não ter sido abordados pelo sujeito e família pesquisados.

Referências

- Almeida, E C.C., Guedes, R. N., de Lucena, K. D. T., Costa, A. P. T., & Freitas, W. M. F. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Saúde Pública, 43(1)*, 85-90.
- Arruda, S. L. S. & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 4(2)*, 201-216.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo: Edição revisada e ampliada*. São Paulo: Edições 70.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across the transition to parenthood: pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family, 52*, 5-19.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói, (32)*, 205.
- Böing, E. (2014). Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional. (*Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina*).
- Bolze, S. D. A., & Crepaldi, M. A. (2015). O pai e seus relacionamentos familiares: uma perspectiva intergeracional. In Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (orgs.) *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. Curitiba: Juruá.
- Bolze, S. D. A. (2011). A relação entre engajamento paterno e qualidade de relacionamento conjugal de pais com crianças de 4 a 6 anos. (*Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina*).
- Bossardi, C. N. (2015). Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: Relações com os sistemas parental e conjugal (*Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina*).
- Bossardi, C.N., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2015). Interação do pai com seus filhos e filhas. In Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (orgs.) *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. Curitiba: Juruá.

- Bossardi, C.N., & Vieira, M.L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44(1), 205-221.
- Bossardi, C.N., & Vieira, M.L. (2015). Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (orgs.) *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. Curitiba: Juruá.
- Brandão, S. M. P. de A., (2009). Envolvimento Emocional do pai com o bebê: impacto da experiência de parto. (Dissertação de mestrado em Enfermagem, Universidade do Porto.)
- Bueno, R. K., Bossardi, C.N., & Vieira, M. L. (2015). Papel do pai no contexto contemporâneo. In Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (orgs.) *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. Curitiba: Juruá.
- Carvalho, M. L. M. (2007). Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo com pais cuidadores. (*Tese Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro*)
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. D. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo. Maringá. Vol. 19, n. 2 (abr./jun. 2014), p. 247-259.*
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando famílias*, 17(1), 28-40.
- Cowan, P. A., & Cowan, C, P. (2016). Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos. In Walsh, F. (org.) *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. Porto Alegre: Artmed.

- Oliveira, E. M. F., & de Brito, R. S. (2009). Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 13(3), 595-601.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicol. teor. pesqui*, 16(3), 221-231.
- Dessen, M. A., & de Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 26(1), 184-193.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Espírito Santo, L. C. D., & Bonilha, A. L. D. L. (2000). Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. *Revista gaúcha de enfermagem*, 21(2), 87-109.
- Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai "suficientemente bom": algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142.
- Fraenkel, P., & Capstick, C. (2016). Famílias contemporâneas biparentais. In Wlash, F. (org.) *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. Porto Alegre: Artmed.
- G1, Globo Repórter (2014). Atualizado em 12/12/2014, de (<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2014/12/pai-e-mae-tem-licenca-de-1-ano-e-4-meses-para-cuidar-de-bebe-na-suecia.html>). Acesso em 15/01/2017.
- Lamb, M., Pleck, J. H., Chanov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist* (25), 883-894.

- Lamb, M. (2000). The history of research on father involvement: an overview. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. The USA: Haworth Press, Inc.
- Maldonado, M. T. (2013). *Psicologia da gravidez*. Editora Jaguatirica Digital.
- Martins, G. A. (2006). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Minayo, M. C. de S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec,
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Motta, C. C. L. D., & Crepaldi, M. A. (2005). O pai no parto e apoio emocional: a perspectiva da parturiente. *Paidéia*, 15(30), 105-118.
- Perdomini, F. R. I., & Bonilha, A. L. C. D. L. (2011). A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. *Texto and Contexto Enfermagem*, 20(3), 245.
- Piccinini, C. A., Silva, M. D. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Polli, R. G., Gabriel, M. R., Piccinini, C. A., & Lopes, R. D. C. S. (2016). Envolvimento paterno aos 12 meses de vida do bebê. *Psico*, 47(3), 198-208.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41-50.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Journal of Human Growth and Development*, 16 (1), 85-96.
- Santos, S. M. C. B. (2016). Possibilidades e desafios do homem contemporâneo frente a conciliação entre trabalho e paternidade. In Moreira, L. V. de C., Rabinovich, E. P., & Zucoloto, P. C. S. do V. (orgs.). *Paternidade na Sociedade Contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família*. Curitiba: Juruá.

- Seabra, K. C., & Seidl-de-Moura, M. L. (2011). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação em Psicologia, 15*(2), 135-147.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 561-573.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. B., & Sanguinet, E. T (2012). Pais que assumiram sozinhos os cuidados parentais de seus filhos. *Psicologia.pt, o portal dos Psicólogos*.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J, S., N., F, (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico 39*(1), 74-82.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.
- Tomeleri, K. R., Pieri, F. M., Violin, M. R., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2007). Eu vi meu filho nascer: vivência dos pais na sala de parto. *Revista Gaúcha de Enfermagem, 28*(4):497-504.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(2), 36-52.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa, 21*(2), 181-186.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (4ª. ed). Porto Alegre: Bookman.

Apêndice A (Entrevista)

- 1) Dados como idade, ocupação/profissão do casal.
- 2) Como vocês se conheceram? Há quanto tempo vivem juntos?
- 3) Como foi a decisão por ter filhos?
- 4) E quando tiveram a notícia da gravidez, como foi? Como reagiram?
- 5) Como foi o acompanhamento da gravidez (pré-natal, exames, consultas, cursos, leituras)? Do que você participou?
- 6) O que vocês imaginavam nesse período em relação aos cuidados com o bebê? Quais eram as expectativas?
- 7) Como foi o parto? Como você se sentiu, o que pensou? Qual foi a sua participação? Qual o momento mais marcante?
- 8) Quem acompanhou a esposa no período em que ficou na maternidade?
- 9) Você teve a concessão de licença paternidade? Por quanto tempo?
- 10) Como foram os primeiros cuidados com a criança? O que fez primeiro?
- 11) Como foi a relação com a esposa? Quais eram as demandas?
- 12) A partir de qual período tu passaste a ficar como principal cuidador da criança?
- 13) Como foi a decisão de que tu ficarias em casa com o filho? O que levaram em conta?
- 14) Como parentes e amigos perceberam essa decisão? Como tu te sentias? Percebias algum tipo de diferença/clima por conta dessa decisão?
- 15) Por que tu pediste demissão e não ela?
- 16) Por que não pensaram em babá, escola?
- 17) Por quanto tempo foste o cuidador exclusivo?
- 18) Quais são os cuidados que exerces desde que ele nasceu?
- 19) E tem algo que só tu fazes? E tem algo que só tua esposa faz?

- 20) Tu te preparaste de alguma forma para isso? Leu algum livro, pesquisou?
- 21) Com quem tu aprendeste? Em quem tu te inspiraste?
- 22) Quando tu saías sozinho com teu filho, percebias alguma coisa diferente? Tinhas alguma dificuldade (banheiro, fraldário, etc.)?
- 23) Construir o Mapa de Rede e perguntar: quem te apoiou nessa decisão? Quem te criticou ou questionou?
- 24) Vocês pretendem ter outro filho? E pensam em repetir esse modelo de organização de cuidado?
- 25) O que tu consideras mais fácil na paternidade? E mais difícil?

Anexo A (Mapa de Redes)

